

A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO PÓS-PANDEMIA

Adriano Barbosa Baia¹

Emerson Corrêa Nascimento²

Resumo: Este artigo examina a atuação do movimento estudantil no período pós-pandemia. Os movimentos estudantis têm desempenhado um papel crucial na sociedade ao longo da história, promovendo debates, reivindicando direitos e participando de atos revolucionários. Com o surgimento da pandemia de COVID-19, houve impactos significativos em todos os setores da sociedade, incluindo a educação e os movimentos estudantis. Apesar das restrições impostas pela impossibilidade de atuação presencial, esses movimentos se adaptaram e continuaram mobilizados, enfrentando as adversidades do capitalismo, resistindo ao conservadorismo e reivindicando demandas. O artigo investiga como o movimento estudantil se adaptou às novas condições e contribuiu para a construção de uma educação mais inclusiva e de qualidade no período de recuperação e reconstrução pós-pandemia. Foram analisadas produções científicas de 1997 a 2022, com destaque para a relação dos movimentos estudantis com a saúde, o contexto escolar e sua evolução contemporânea.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Pandemia. Educação.

Abstract: This paper examines the role of the student movement in the post-pandemic period. Student movements have played a crucial role in society throughout history, promoting debates, advocating for rights, and participating in revolutionary actions. With the emergence of the COVID-19 pandemic, there have been significant impacts on all sectors of society, including education and student movements. Despite the restrictions imposed by the inability to engage fully in street protests and public spaces, these movements have adapted and remained mobilized, confronting the adversities of capitalism, resisting conservatism, and demanding their rights. The article investigates how the student movement has adapted to the new conditions and contributed to the construction of a more inclusive and high-quality education during the period of recovery and post-pandemic reconstruction. Scientific publications from 1997 to 2022 were analyzed, focusing on the relationship between student movements, health, the school context, and their contemporary evolution.

Keywords: Student movement. Pandemic. Education.

1. INTRODUÇÃO

¹ Adriano Barbosa Baia. Universidade Federal do Pará. Graduando em Serviço Social. *E-mail:* A.Barbosa.Baia010@gmail.com

² Emerson Corrêa Nascimento. Universidade Federal do Pará. Graduando em Serviço Social. *E-mail:* emerson.nascimento@icsa.ufpa.br

Os movimentos estudantis são indispensáveis na história da sociedade ao longo da história, ajudando a compreender, conceber a consciência de classe, reivindicar, articular e posicionar a sociedade e movimento estudantil, frente às lutas, perspectivas e diversidade de reivindicações. Os movimentos estudantis promovem debates para além da academia, levando a mudanças profundas nos direitos da sociedade, conquistando demandas, políticas públicas e participando de atos revolucionários. Tais fatos classificam o movimento estudantil como um importantíssimo e indispensável movimento social. E ainda segundo a demarcação de Gohn (2007), entende-se que o movimento estudantil é um meio específico, onde a juventude articula-se e torna-se hábil para inserir-se na política, na qual os mesmos podem estar mobilizados nas temáticas que norteiam a educação e o que tangencia a vida da juventude. Para a possibilidade da promoção de uma evolução na realidade social, econômica e política do país.

Os movimentos estudantis têm uma forte presença nas iniciativas em prol das camadas subalternizadas, ganhando apoio popular. Além disso, é destacável a sua importância para a formação profissional em Serviço Social, ao compreender suas dinâmicas e influência na sociedade. Com o surgimento da pandemia de COVID-19, houve uma série de crises estruturais, sanitárias, sociais, humanas e políticas, impactando enormemente todos os campos da sociedade e o asseguramento das políticas públicas. Ocorrências que atingiram a economia, saúde, segurança e inclusive a educação. O que afetou em específico (mas, não tão somente) os movimentos estudantis. É importante analisar a relação entre a pandemia e os movimentos sociais, considerando o desmonte da dignidade humana em diversos aspectos da sociedade. Apesar das restrições impostas pela impossibilidade de atuação plena nas ruas, praças e espaços públicos, esses movimentos continuaram sendo uma forma dinâmica e atuante de mobilização, embate contra as perversidades do capitalismo; que acentuam as mazelas das expressões da Questão Social, oferecer resistência ao conservadorismo e reacionarismo presente na sociedade e reivindicação de demandas. Pretende-se investigar como o movimento estudantil se adaptou às novas condições, para continuar na defesa dos direitos e interesses dos estudantes, bem como para a construção de uma educação mais inclusiva contribuiu para a construção de uma educação mais inclusiva,

acessível e de qualidade nesse período de recuperação e reconstrução pós-pandemia.

O trabalho foi elaborado com produções científicas datadas do ano de 1997 até o ano de 2022. Para a elaboração da produção, foram realizadas análises em pesquisas realizadas em portais acadêmicos como Scielo, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES, BDTD e Scopus, utilizando-se artigos e monografias, onde foram identificados 15 artigos. Obtiveram-se como palavras-chaves: Movimento estudantil, pandemia e educação. Essas pesquisas abrangem a relação dos movimentos estudantis com a saúde, o contexto escolar e sua evolução até a contemporaneidade. Conta com a contribuição de renomados autores, como Guimarães (2022), Morais (2022), Mayer (2020), Gisler (2020), Gohn (2007), Mesquita (2003), Pandolfi (2022) e Fontes (2022). Tais autores caracterizam como foi realizada a manutenção dos Movimentos Estudantis no contexto pandêmico (2020 até meados dos dias atuais), as dinâmicas, efeitos e consequências em todos os campos da sociedade. O presente texto, contém Introdução, conclusão, três (3) tópicos de desenvolvimento e mais as referências bibliográficas.

2. DESAFIOS DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA PANDEMIA

A pandemia explicitou inúmeras fragilidades em variados campos socioeconômicos, estruturais e na plena execução de políticas públicas na sociedade e dentre elas, uma das mais suscetíveis a crises, desmontes e reduções abissais, foram as políticas no cerne da educação. Ficou nítido o descaso e despreparo das governanças e suas lideranças para lidar com as novas demandas da pandemia. Havendo uma dificuldade em manter uma qualidade crescente educacional, um ensino libertador, crítico e comprometido com a pesquisa. Inclusive na educação, houve perdas no debate acadêmico devido às restrições sanitárias, que não permitiam mais encontros presenciais, enquanto as teleconferências e todo suporte remoto se mostraram menos efetivos e com perdas quantitativas e qualitativas. A necessidade de ensino remoto revelou a falta de preparo de inúmeras instituições e de seus respectivos profissionais e responsáveis, em oferecer o devido suporte, para a execução e efetivação das atividades de ensino e aprendizagem.

Além disso, surgiram problemas como a falta de acesso à internet, seja total ou parcial, dificuldades de adaptação dos alunos às tecnologias, metodologias, instrumentalidade, falta de equipamento; sobretudo computadores, e também os altos custos das mensalidades; com a manutenção de preços integrais de mensalidades, sem qualquer redução de custos, mesmo que em contexto de desemprego em larga escala. Algo que incide diretamente nos estudantes, onde muitos evadiram por vezes os estudos, pois muitos alunos pagam os custos de seus estudos com seus empregos. E sem essa renda, tornou-se inviável para muitos destes estudantes, manterem-se dando sequência ao investimento de suas formações, situados numa realidade de estar inserido em uma instituição de ensino privada.

A perspectiva neoliberal teve grande interesse em manter esse ensino remoto, cada vez mais precarizado e escasso, tendo em vista sua caracterização em incidir sobre as variadas dimensões da vida social e políticas públicas, dentre elas, uma das pautas mais frequentes vem a ser a efetivação da pauta de redução da esfera estatal, tendo como um dos pontos mais estratégicos a educação. Contribuindo para sua lógica de privatização em massa no contexto de pandemia, a iniciativa privada valeu-se deste momento de vulnerabilidade, numa escala anteriormente nunca vista no século XXI, para implementar o módulo remoto de ensino. Numa lógica onde houve uma grande adesão desse ensino remoto. Ainda que o mesmo não contasse com toda a estrutura devida, faltando o suporte necessário na parceria público-privada, cortando assim gastos. Tal ocorrência acentuaria uma crise no sistema educacional público, devido essa ausência de investimentos devidos nesta área do ensino. Algo que interessa diretamente os proprietários de instituições privadas de ensino, que se fazem valer destas precarizações.

Diante desse cenário, houve redução na produção crítica e de transformação nas instituições de ensino, consideravelmente menor. Eventualidades que ofereceram barreiras e complicações no debate, na formulação de pautas efetivas e por vezes, descaracterização das pautas do Movimento Estudantil. O cenário de criticidade e revolução, sempre tende a ancorar, se tornar mais lento, em quadros de crise socioeconômica, como foi instaurado pela COVID-19 no mundo. Um quadro

que pode ser vislumbrado de maneira ainda mais concisa, com a fala de Gisler (2022) que ressalta que: “Soma-se a isto, em consequência dos prejuízos na formação profissional, o materialismo histórico dialético se enfraquece enquanto instrumento de análise para compreender a realidade brasileira.” (GISLER, 2022, p. 4)

Nesse contexto de desmonte, a precarização da educação se torna uma causa de outros problemas de qualidade nos serviços prestados à sociedade. A formação acadêmica deficiente gera profissionais com habilidades inadequadas, resultando em serviços de baixa qualidade. Isso leva ao surgimento de novas demandas e vulnerabilidades nos serviços prestados à sociedade. Esse quadro enfraquece indiretamente o debate e os movimentos sociais, criando uma reação em cadeia. Com a falta de assistência educacional adequada, as pautas e demandas crescem exponencialmente, mas também surgem retrocessos. Inclusive uma retomada do conservadorismo, como citado por Barroco (2011), quando este cita que:

[...] A reatualização do conservadorismo é favorecida pela precarização das condições de trabalho e da formação profissional, pela falta de preparo técnico e teórico, pela fragilização de uma consciência crítica e política, o que pode motivar a busca de respostas pragmáticas e irracionais, a incorporação de técnicas aparentemente úteis em um contexto fragmentário e imediatista. A categoria não está imune aos processos de alienação, à influência do medo social, à violência, em suas formas subjetivas e objetivas (BARROCO, 2011, p. 212).

Os movimentos estudantis enfrentam dificuldades em avançar no mesmo ritmo, tornando-se cada vez mais vulneráveis e incapazes de liderar o debate de forma efetiva. A falta de progresso dificulta a abordagem das pautas complexas pelos movimentos estudantis, resultando em cenários de desmobilização ainda maiores. E através de todas essas tentativas de desmonte, desqualificação das categorias e profissões que se alinham a um projeto político que dá validade às classes trabalhadoras, processo de privatização e tentativa de redução de debate crítico; em virtude da manutenção e até aumento dos privilégios e lucratividade da classe burguesa e sistema capitalista, os movimentos sociais se viram induzidos a

se reconfigurar, reorganizar, reformar, articular novas estratégias de embate, inovar as formas de socializar pautas e demandas e, como foi feito e inúmeros outros momentos de crise e de desmontes, resistir e reagir contra as lógicas perversas e nocivas que acentuam as mazelas das expressões da Questão Social. Onde Gohn (2007) menciona a importância em frente a tais desmontes, quando cita:

[...] o compromisso ético e a opção pelo desenvolvimento de propostas que tenham como base a participação social pelo protagonismo da sociedade civil exigem clara vontade política das forças democráticas, organizadas para a construção de uma sociedade de um espaço público diferente do modelo neoliberal, construído a partir de exclusões e injustiças (GOHN, 2011, p. 355 e 366).

3. EMERGENTES DEMANDAS E PERSPECTIVAS URGENTES PARA A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO PÓS-PANDEMIA

Com o advento da pandemia da COVID-19, o movimento estudantil foi compelido a se adaptar a novas formas de mobilização e reivindicação, enfrentando desafios como assegurar o acesso à educação e proteger os direitos dos estudantes. Além disso, questões preexistentes se tornam ainda mais prementes, como o financiamento da educação e o combate ao racismo e à LGBTfobia. Essas são áreas nas quais o movimento estudantil desempenha um papel vital.

A pandemia destacou a importância da tecnologia na educação, mas também revelou as desigualdades de acesso a esses recursos. O movimento estudantil também desempenha um papel crucial na luta pelo acesso à internet e tecnologia após a pandemia. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2020, cerca de 46% dos lares no Brasil não tinham acesso à internet, sendo ainda maior entre famílias de baixa renda e áreas rurais. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2021 mostrou que apenas 27,3% dos domicílios com renda de até um quarto do salário mínimo tinham acesso à internet em 2020, com proporções mais altas de falta de acesso em áreas rurais.

A pandemia de COVID-19 acentuou as desigualdades no sistema educacional e ressaltou a necessidade de investimentos significativos na educação. O movimento estudantil tem sido defensor do financiamento da educação pós-pandemia. De acordo com o Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa Anísio Teixeira (INEP), em 2019, houve uma queda de 4,7% no investimento público em educação,

totalizando R \$137,9 bilhões. O orçamento do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) sofreu um corte de 43% em 2018, afetando a produção e distribuição de materiais didáticos. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FIES) teve uma redução de 8,5% no seu orçamento em 2018, dificultando o acesso ao ensino superior para estudantes de baixa renda. Essa redução no investimento em educação teve graves consequências, uma vez que a educação é fundamental para o desenvolvimento social e econômico do país. Uma ação nesse sentido é a Instrução Normativa Nº 01/SAEST/UFGA de 01 de março de 2021 estabelece critérios de concessão para que os estudantes de graduação, pós-graduação (stricto sensu), educação básica da Escola de Aplicação e ensino técnico da Universidade Federal do Pará (UFGA) possam receber o Auxílio Emergencial de Apoio à Inclusão Digital - CHIP. Outra ação foi que, a Universidade Federal do Pará (UFGA) por meio da Superintendência de Assistência Estudantil lançou edital para a concessão de Auxílios Emergenciais de Apoio à Inclusão Digital a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Iniciativa alinhada ao Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), regulamentado pelos Decretos Nº 7.234/2010 e Nº 7.416/2010.

O movimento estudantil tem sido um importante agente na luta contra o racismo e outras desigualdades pós-pandemia. Com a pandemia de COVID-19, as desigualdades existentes no sistema educacional e na sociedade em geral se tornaram ainda mais evidentes, e o movimento estudantil tem trabalhado para combatê-las, ele tem lutado por políticas de ação afirmativa. Uma das principais ações do movimento estudantil é a mobilização por políticas públicas de inclusão e igualdade racial na educação. De acordo com a pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, enquanto 66,1% dos domicílios brancos possuem acesso à internet, esse percentual cai para 47,4% nos domicílios pretos ou pardos. Esses dados mostram que a pandemia agravou as desigualdades raciais no Brasil, tornando a luta contra o racismo ainda mais urgente e necessária. Uma das principais ações do movimento estudantil é a criação de comissões de combate ao racismo e à discriminação racial nas universidades e escolas. Essas comissões são responsáveis por receber denúncias de racismo e promover ações de conscientização e combate à discriminação racial.

Além disso, o movimento estudantil tem lutado contra outras desigualdades existentes no sistema educacional, como a homofobia, a transfobia, a misoginia, entre outras. O combate à LGBTfobia é outra frente importante do movimento estudantil. De acordo com a pesquisa “Violência contra LGBTI+ no Brasil”, realizada pela organização não governamental Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2020 foram registrados 237 assassinatos de pessoa LGBTQIA+ no país, sendo que a maioria das vítimas eram homens gays, transexuais e travestis. Para combater essas violências, o Movimento Estudantil tem promovido ações de conscientização sobre a diversidade sexual e de gênero, além de pressionar as instituições de ensino a adotarem políticas de inclusão e respeito à diversidade sexual e de gênero.

Em um artigo publicado pela Revista Fórum em agosto de 2021, a estudante universitária e militante feminista, Fernanda Nunes, destacou a importância da luta contra a desigualdade de gênero na educação. Segundo ela, "é preciso combater o machismo e o sexismo nas escolas e universidades, garantindo a inclusão das mulheres em todas as áreas do conhecimento" (NUNES, 2021, p. 1).

O movimento estudantil tem sido fundamental na luta contra o racismo e outras desigualdades pós-pandemia, pressionando o governo e as instituições educacionais a implementarem políticas de inclusão e igualdade.

4. O PAPEL DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NA PROMOÇÃO DO ENGAJAMENTO ESTUDANTIL NO PÓS-PANDEMIA

O engajamento estudantil é um fator crucial para o sucesso do Movimento Estudantil. No entanto, dados recentes mostram que a pandemia teve um grande impacto na participação dos estudantes em atividades extracurriculares e movimentos estudantis. Um estudo realizado em 2021 pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) coordenada pela plataforma “Atlas da Juventude” revelou que cerca de 62% dos jovens entre 15 e 29 anos relataram ter reduzido sua participação em atividades coletivas durante a pandemia. Além disso, 59% dos jovens afirmaram que a pandemia afetou negativamente suas atividades educacionais, o que pode ter contribuído para uma queda no engajamento estudantil.

Outro estudo realizado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) em 2020 mostrou que, com o fechamento das universidades durante a pandemia, muitas organizações estudantis tiveram dificuldades para se reunir e organizar eventos. Além disso, a pesquisa indicou que as formas tradicionais de mobilização, como assembleias presenciais e manifestações públicas, foram bastante afetadas pela pandemia. Diante desse cenário, foi importante que o Movimento Estudantil buscasse novas formas de mobilização que levem em consideração as restrições impostas pela pandemia. As ferramentas digitais podem ser uma opção interessante para manter os estudantes engajados e conectados, por exemplo, através de reuniões virtuais e campanhas nas redes sociais.

Durante a pandemia, a utilização de plataformas digitais se tornou indispensável para a comunicação e mobilização dos estudantes. No pós-pandemia, essas plataformas ainda serão valiosas para alcançar um grande número de estudantes de forma eficiente. É essencial que o Movimento Estudantil utilize redes sociais, aplicativos de mensagens e outras ferramentas online para compartilhar informações, convocar assembleias, organizar eventos e promover discussões. Na pandemia, o Brasil registrou um aumento significativo na utilização de plataformas digitais para fins educacionais.

Embora as restrições de distanciamento social possam diminuir no pós-pandemia, é importante considerar a realização de eventos híbridos que combinem atividades presenciais e virtuais. Essa abordagem permite que os estudantes participem de assembleias, conferências, debates e manifestações tanto fisicamente quanto remotamente. Dessa forma, é possível garantir a inclusão de estudantes que enfrentam barreiras geográficas, de mobilidade ou de saúde, além de ampliar o alcance das ações do Movimento Estudantil. Uma pesquisa divulgada pela plataforma Even3 (2021) mostrou que a realização de eventos online cresceu 300% no Brasil durante a pandemia, com o “Youtube” liderando o ranking da preferência. Ainda segundo pesquisa, 68% dos organizadores pretendiam continuar realizando eventos virtuais mesmo após o fim das restrições de distanciamento social (Sympla, 2020).

Portanto, é fundamental que o Movimento Estudantil esteja preparado para utilizar essas plataformas de maneira eficiente e eficaz no pós-pandemia, visando manter o engajamento dos estudantes e fortalecer suas lutas e reivindicações.

5. CONSIDERAÇÕES

A atuação do movimento estudantil pós-pandemia tem sido de extrema importância para a sociedade brasileira, visto que os estudantes têm se destacado como protagonistas na luta por uma educação de qualidade, inclusiva, acessível e justa.

Com a pandemia, a atuação do movimento estudantil se intensificou ainda mais, visto que os desafios enfrentados pelos estudantes se agravaram, principalmente no que diz respeito à educação remota e ao acesso às tecnologias digitais. Nesse sentido, o movimento estudantil tem atuado na luta pelo acesso à internet e às tecnologias digitais, além de exigir investimentos em infraestrutura e recursos para garantir a continuidade do ensino e aprendizagem de forma adequada.

Além disso, o movimento estudantil tem atuado na luta por políticas públicas que promovam a inclusão e a diversidade na educação, lutando contra o racismo, o sexismo, a homofobia e outras formas de discriminação e desigualdade.

É importante destacar que a atuação do movimento estudantil pós-pandemia tem sido fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável, visto que os estudantes têm se organizado para lutar pelos seus direitos e para exigir políticas públicas que atendam às suas necessidades. Assim, a atuação do movimento estudantil pós-pandemia é de suma importância para a construção de um futuro mais justo e igualitário, em que a educação seja vista como um direito humano fundamental e não como um privilégio de poucos.

6. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. **Nas últimas duas décadas, Governo Bolsonaro é o que mais cortou em recursos de educação e ciência**. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2022/12/15138129-governo-atual-e-o-que-mais-cortou-em-recursos-de-educacao-e-ciencia.html>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação**. (2018). Portaria nº 715, de 31 de outubro de 2018. Estabelece normas e procedimentos para execução do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD referente ao ano de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF.

BRASIL. **Ministério da Educação**. (2019). Portaria nº 468, de 26 de abril de 2019. Altera a Portaria Normativa nº 15, de 11 de agosto de 2017, que dispõe sobre a oferta do Programa de Financiamento Estudantil - FIES para o segundo semestre de 2019. Diário Oficial da União, Brasília, DF.

DA REDAÇÃO. **Eventos online crescem mais de 300% na pandemia. Youtube lidera**. Disponível em: <<https://exame.com/bussola/eventos-online-crescem-mais-de-300-na-pandemia-youtube-lidera/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Financiamento da Educação Pública no Brasil - Instituto Unibanco. Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/iniciativas/especiais/financiamento-da-educacao-publica-no-brasil/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GOHN, M. DA G.. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, p. 333–361, maio 2011.

Grupo Gay da Bahia (GGB). Relatório 2020: Assassinatos de LGBTI+ no Brasil. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios/relatorio-2020-assassinatos-de-lgbti-no-brasil/>>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **PNAD Contínua: taxa de desocupação chega a 14,1% no 1º trimestre de 2021**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31043-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-chega-a-141-no-1-trimestre-de-2021>>

Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Atlas das Juventudes. Disponível em: <<https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SILVA, M. D. P. **Memórias de Mulheres do Movimento Estudantil: Participação, Gênero e Educação**. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Sorocaba, 2016

SILVA. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. v. 17, n. 2, p. 396–400, 1 nov. 2005.

site. Disponível em: <<https://www.une.org.br/memoria/historia/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

TIC Domicílios. Disponível em:

<<https://cetic.br/pesquisa/domicilios/analises/#section-12>>. Acesso em: 23 jun. 2023.